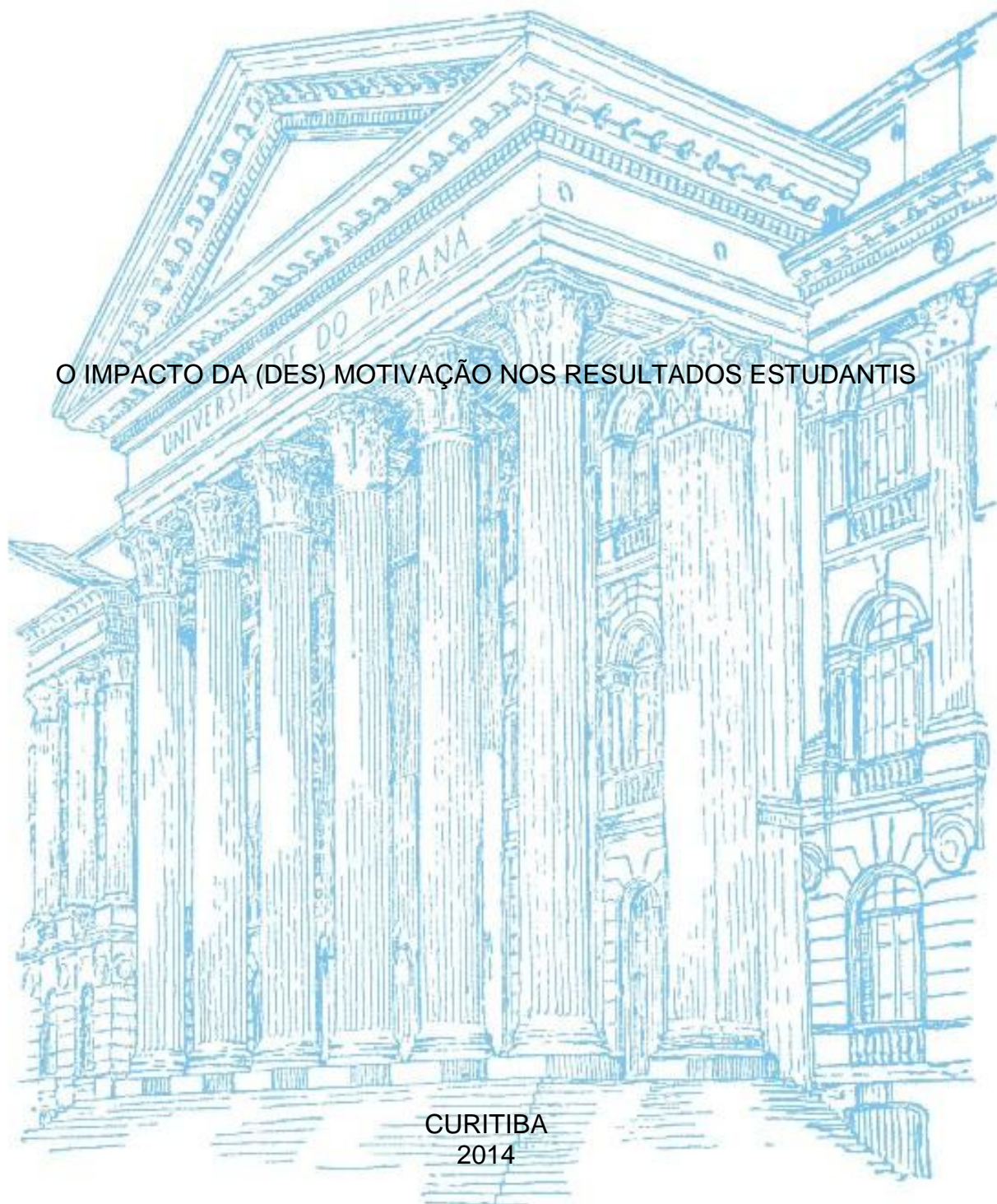


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

GISLEI DA SILVA

O IMPACTO DA (DES) MOTIVAÇÃO NOS RESULTADOS ESTUDANTIS



CURITIBA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA

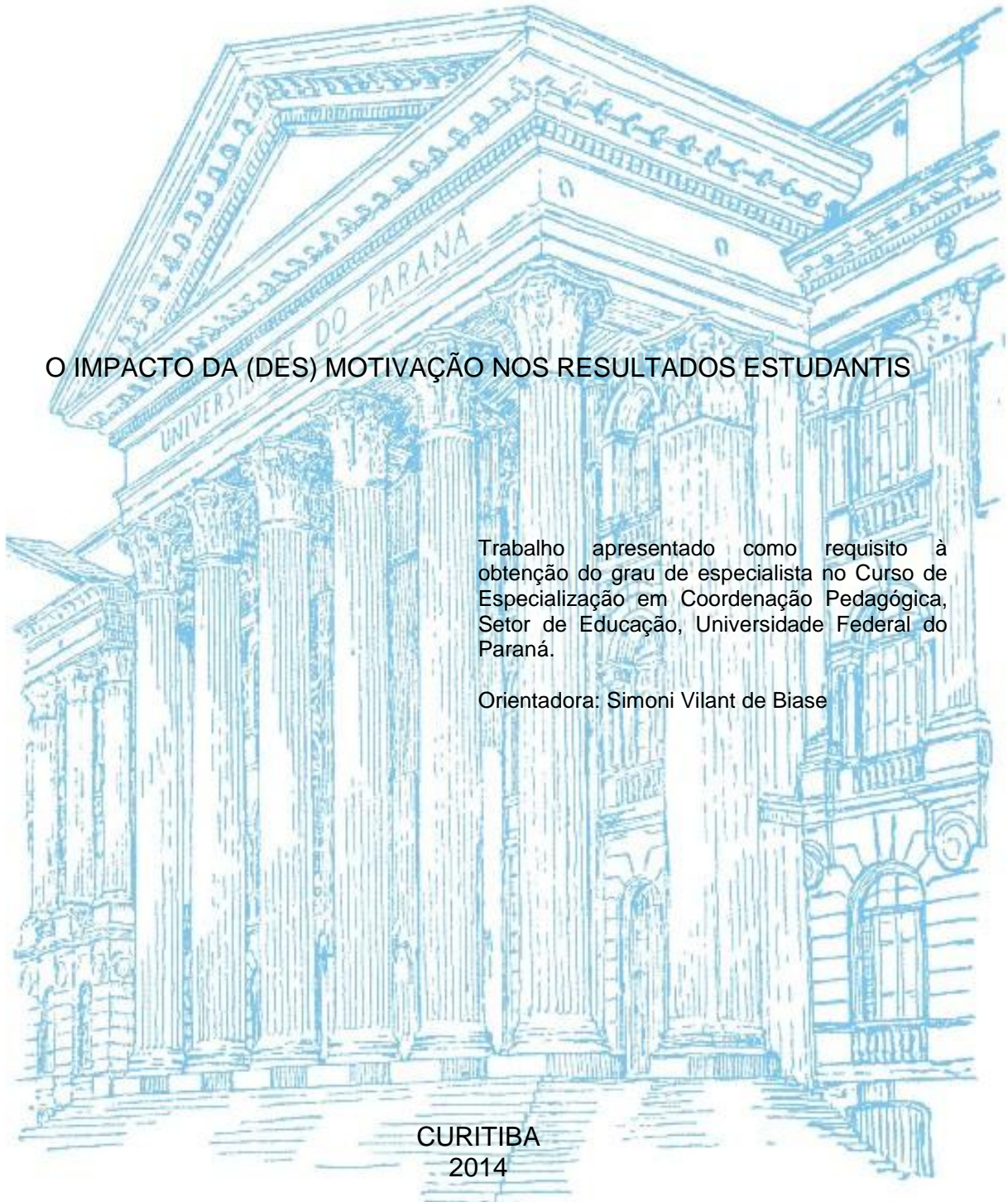
GISLEI DA SILVA

O IMPACTO DA (DES) MOTIVAÇÃO NOS RESULTADOS ESTUDANTIS

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Simoni Vilant de Biase

CURITIBA
2014



O IMPACTO DA (DES) MOTIVAÇÃO NOS RESULTADOS ESTUDANTIS

GISLEI DA SILVA*

RESUMO

A falta de motivação para a aprendizagem é um problema educacional que tem sido tema de pesquisas de educadores preocupados com a frequência com que os alunos, em diferentes níveis, séries e disciplinas, têm demonstrado desinteresse pelos estudos. Esse artigo apresenta o resultado da pesquisa que teve como objetivo investigar a relação existente entre motivação para aprender e o sucesso escolar, com base em teorias e pesquisas sobre a motivação e, por meio de questionário e observação em sala de aula. A análise dos dados obtidos revela, que os alunos motivados intrinsecamente, ou voltados para a meta aprender, demonstram maior entusiasmo nas situações de aprendizagem, ao contrário dos alunos motivados extrinsecamente e com baixo senso de autoeficácia, que demonstram pouco envolvimento com a aprendizagem e, conseqüentemente, apresentam baixo rendimento escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Motivação. Aprendizagem. Aluno. Sucesso escolar.

*Artigo produzido pela aluna Gislei da Silva do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Simoni Vilant de Biasi. E-mail: gisleisilva@seed.pr.gov.br.

1 INTRODUÇÃO

Dentre muitos problemas que os professores enfrentam em sala de aula, a falta de motivação dos alunos para aprender tem alcançado proporções preocupantes pela frequência que vem acontecendo em diferentes níveis, séries e disciplinas. Tal situação tem-se evidenciado, pelo número de alunos que se evadem da escola, se recusam a entrar em sala de aula, “matam” aulas ou, definitivamente, nada fazem em classe para aprender os conteúdos escolares.

De acordo com Bzuneck (2001, p. 9), “os professores se queixam que seus alunos (ou a maioria deles) não estão revelando aquela dedicação desejável aos estudos e, ao contrário, apresentam comportamentos de indisciplina”.

Para Bzuneck (2001), a ausência da motivação para aprendizagem representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem, pois os alunos não cumprem as tarefas, seja um dever de casa ou um trabalho em sala de aula, mesmo que valham nota; não se empenham em realizar ou concluir uma atividade e, facilmente, distraem-se ou interrompem a atividade.

Na tentativa de fazer com que os alunos se interessem, ou que empreguem o esforço e a dedicação necessários para aprender os conteúdos escolares, grande parte dos professores recorre às recompensas, ameaças ou punições. Porém, segundo Tapia e Fita (2009, p.23), “as recompensas e punições têm efeito na medida em que estão presentes, mas, depois que desaparece, seu efeito não é muito duradouro”.

Nesse contexto, o estudo relacionado à motivação no contexto escolar desperta interesse em razão de sua relevância para os processos de aprendizagem e para o sucesso escolar, de modo que a atenção dada aos aspectos motivacionais na aprendizagem relaciona-se à necessidade de responder ao questionamento pertinente a todos nós, educadores: como fazer o nosso aluno gostar de estudar e, conseqüentemente, progredir nos estudos?

Para constatar a relação existente entre motivação e sucesso escolar, a presente pesquisa realizada no Colégio Estadual Presidente Afonso Camargo, teve a participação de 140 (cento e quarenta) alunos selecionados

entre os que apresentaram bom rendimento e baixo rendimento escolar, sendo 80 (oitenta) matriculados no 6º ao 9º ano do ensino fundamental e 60 (sessenta) na 1ª a 3ª série do ensino médio.

Do total de alunos, 24 (vinte e quatro) pertenciam ao sexo feminino e 116 (cento e dezesseis) ao sexo masculino, com idades entre 11 (onze) e 17 (dezessete) anos. A amostra, também envolveu 05 (cinco) professores de cada ano/série, que lecionam as disciplinas de língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia e inglês.

Em suma, essa pesquisa teve como objetivo identificar os fatores que favorecem e interferem na motivação dos alunos em aprender os conteúdos escolares e suas implicações no rendimento escolar. Em vista disso, buscou-se investigar as percepções e expectativas dos alunos em relação aos estudos e à escola; como os alunos se envolvem nas atividades escolares; como eles aprendem e quais estratégias utilizam para tal propósito.

Por fim, ambicionou-se, também, constatar como as estratégias de ensino do professor contribuem para estabelecer, estimular ou inibir a motivação dos alunos em sala de aula.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A MOTIVAÇÃO E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Os vários estudos realizados, até hoje, sobre a motivação escolar, demonstram a preocupação dos educadores e estudiosos com essa questão, por ser considerada como um dos principais fatores que favorecem a aprendizagem dos alunos.

Siqueira e Wechsler (2006) citam que os estudos realizados por Pfromm (1987); Schunk (1991); Mitchell Jr (1992) permitiu refletir que a relação entre aprendizagem e motivação é recíproca, isto é, a motivação pode produzir um efeito na aprendizagem, assim como a aprendizagem pode interferir na motivação.

Frente a essa premissa, é preciso ressaltar aqui a definição de motivação e sua importância no processo ensino/aprendizagem. Segundo Bzuneck (2001, p.9) “motivação ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou

que a põe em ação ou a faz mudar o curso”. De acordo com o autor, em sala de aula o efeito da motivação no aluno consiste que ele se envolva nas atividades escolares, de tal modo que, aplique esforço no processo de aprender com a perseverança e persistência exigida por cada tarefa.

Quanto a isso, Filho e Almeida (2012) concordam com a percepção de Chiavenato (1998) de que:

Motivação é tudo aquilo que impulsiona a pessoa a agir de determinada forma ou, pelo menos, que dá origem a uma propensão, a um comportamento específico, podendo este impulso à ação ser provocado por um estímulo externo (provindo do ambiente) ou também ser gerado internamente nos processos mentais do indivíduo (CHIAVENATO apud FILHO E ALMEIDA, 2012, p.4).

Nessa perspectiva, a motivação aparece em sala de aula como um elemento gerador de energia, uma força para desencadear impulsos no interior do aluno, a fim de, predispô-lo a querer participar das atividades escolares.

De acordo com Moraes e Varela (2007), é preciso entender a diferença entre interesse e motivação. Para os autores, o interesse mantém a atenção, mas não possui a força suficiente para conduzir à ação, a qual exige esforço de um motivo determinante da nossa vontade. O motivo, porém, se tem energia suficiente, vence as resistências que dificultam a execução do ato.

Os estudos de Pintrich e Schunk (2002) entendem que “a motivação deve ser encarada como um processo e não como um produto, uma vez que não é possível observá-la diretamente, mas somente inferi-la diante dos comportamentos e dos efeitos que ela produz” (ZENORINI e SANTOS, 2010, p.99).

Desta forma, Siqueira e Wechsler (2006) apontam que os estudos realizados sobre motivação para a aprendizagem, permitiram indicar uma série de fatores que podem afetar a motivação do estudante: as expectativas e estilos dos professores, os desejos e aspirações dos pais e familiares, os colegas de sala, a estruturação das aulas, o espaço físico da sala de aula, o currículo escolar, a organização do sistema educacional, as políticas educacionais e, principalmente, as próprias características individuais dos alunos.

Ainda citando Siqueira e Wechsler (2006), destaca-se que, quando se pensa em motivação para a aprendizagem, é preciso considerar as

singularidades e características do ambiente escolar, ou seja, é preciso levar em conta que as tarefas e atividades vivenciadas na escola estão associadas a processos cognitivos como: capacidade de atenção, concentração, processamento de informações, raciocínios e resolução de problemas. Nessa percepção, as atividades escolares, frequentemente, são árduas e obrigatórias, exigem empenho, esforço e dedicação para serem realizadas e concluídas.

Sob tal perspectiva, visualiza-se a importância de serem considerados os aspectos motivacionais no processo de aprendizagem, pois, o aluno motivado procura novos conhecimentos e oportunidades, se envolve com o processo de aprendizagem, participa nas tarefas com entusiasmo e revela disposição para novos desafios. Em vista disso,

[...] é necessário que o professor conheça as estratégias de aprendizagem e as orientações motivacionais de seus alunos, pois esta é uma forma de ele implementar práticas que favoreçam a formação de um estudante mais participativo, mais ativo no seu processo de aprendizagem, mais persistente diante dos desafios. (CUNHA e BORUCHOVITCH, 2012, p.252).

Para Leão (2011, p.119), a motivação afeta tanto novos aprendizados quanto a performance de habilidades, estratégias e comportamentos previamente aprendidos e, além de tudo, pode influenciar o quê e quando se aprende.

Diante disso, o professor precisa considerar o tipo de motivação que se irá promover em sala de aula, pois,

O professor possui grande influência sobre a aprendizagem do aluno, bem como sobre sua motivação. A orientação do professor, suas características pessoais, as estratégias de aprendizagem que utiliza, as crenças que possui sobre os aspectos motivacionais, bem como a forma que avalia e se relaciona com seus estudantes exercem grande impacto sobre a motivação intrínseca ou extrínseca que estes apresentam nas salas de aula (SIQUEIRA e WECHSLER, 2009, p.127).

Nas interações com os alunos em sala de aula, o professor pode explicitar e demonstrar em sua prática pedagógica, através de sua fala, nas suas atitudes, seus gestos e, outros indícios, que determinados aspectos e características de comportamento serão valorizados ou recompensados.

Sendo assim, ao considerarmos que os problemas motivacionais podem interferir na aprendizagem dos alunos, faz-se necessário examinar em

que medida o modo de atuação do professor pode contribuir para criar um ambiente de aprendizagem capaz de conseguir que os alunos se interessem e se esforcem por aprender.

Tendo em vista que os fatores externos, como o ambiente em sala de aula, a metodologia do professor e o tipo de meta proposta, influenciam no processo da motivação do aluno, é preciso selecionar e adotar novas estratégias em sala de aula, que resultem numa motivação positiva para a aprendizagem.

2.2 AS TEORIAS E PESQUISAS NO ESTUDO DA MOTIVAÇÃO PARA A APRENDIZAGEM

A motivação no contexto escolar, segundo Bzuneck (2001), tem sido estudada sob diversos ângulos na história da psicologia, que por se tratar de uma variável complexa e multifacetada, criaram-se muitas teorias e abordagens.

Para Witter (1984, apud Barrera, 2010) os conceitos de motivação utilizados nas diferentes abordagens, geralmente, enfatizam um ou vários aspectos como: os determinantes ambientais; as forças internas do indivíduo (necessidade, desejo, impulso, instinto, vontade, propósito, interesse) e o incentivo (alvo ou objeto que atrai ou repele o indivíduo).

Segundo Portilho (2011), a abordagem behaviorista ou condutista defende que o comportamento humano é determinado pelo meio em que o indivíduo vive, sendo diretamente vinculado a um processo de condicionamento e, que sua conduta está sujeita à regulação de fatores ambientais, isto é, pode ser moldada por estímulos e reforços externos.

Deste modo, a força que conduz o comportamento motivado está fora da pessoa, nasce de fatores extrínsecos. Já na abordagem cognitivista, o comportamento do indivíduo está sujeito ao pensamento sobre si mesmo e sobre o ambiente, de modo que, os motivos intrínsecos são os que têm maior importância. Nessa perspectiva, o comportamento é dirigido à metas e propósitos e, a motivação, é vista como uma tendência a mover as pessoas às metas desejadas.

A abordagem sócio-cognitivista considera tanto os aspectos biológicos e cognitivos, quanto os aspectos socioambientais e a interação entre os sujeitos. Portanto, nessa concepção, a motivação do aluno está relacionada a motivos intrínsecos e extrínsecos.

Bzuneck (2001) salienta que, conforme o enfoque adotado pelo teórico, a motivação tem sido entendida como fator psicológico ou como um processo, sendo que as abordagens ou as teorias sobre motivação do aluno, hoje, preponderante, têm dado especial destaque:

[...] aos componentes cognitivos ou pensamentos, como metas, crenças, atribuições, percepções, ressaltando-se entre elas as percepções de competência e as crenças de auto-eficácia, portanto, variáveis ligadas ao *self*. Os componentes afetivos, por sua vez, formam parte integrante da motivação do aluno na teoria das atribuições de causalidade, de Weider (1984). Contudo, outros enfoques também contemplam de algum modo as diferentes emoções, como realização, satisfação, orgulho, medo, ansiedade, entre outras, mas sem lhes atribuírem papel tão central. (BORUCHOVITCH e BZUNECK, 2001, p. 23).

As tendências atuais no estudo da motivação do aluno têm sido marcadas por abordagens com base em teorias cognitivistas e sócio-cognitivistas, cujas linhas de pesquisa têm focalizado cognições como a autodeterminação, as atribuições causais, as crenças de auto-eficácia e os pensamentos acerca de objetivos ou metas.

As teorias cognitivistas da motivação enfocam, preferencialmente, o estudo das crenças, valores e emoções do sujeito, pois consideram que essas desempenham efeito mediador no comportamento e cumprem uma forte influência no processo motivacional.

As abordagens sócio-cognitivistas têm demonstrado a existência de duas orientações motivacionais: a intrínseca e a extrínseca.

Segundo Guimarães (2001), o aluno motivado extrinsecamente realiza uma tarefa escolar apenas para melhorar suas notas ou conseguir prêmios e elogios dos pais e professores, ou seja, seu interesse está em obter recompensas materiais e sociais. Já o aluno intrinsecamente motivado se envolve nas tarefas, realiza determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, prazerosa ou, geradora de satisfação.

Siqueira e Wechsler (2006) citam os estudos realizados por Gottfried, (1985) e Pintrich e De Groot (1990), dentro outros, apontam a importância do conceito de motivação intrínseca e extrínseca para a compreensão da motivação para a aprendizagem. Segundo os autores, existem muitas dúvidas entre os pesquisadores sobre a relação entre motivação intrínseca e extrínseca, principalmente, no que se refere à influência de reforços e recompensas sobre a motivação intrínseca. Quanto a isso, salienta que a presença das recompensas em situações de sala de aula não deve ser abolida, mas deve ser realizada de forma criteriosa, evitando que os alunos sejam orientados extrinsecamente no envolvimento com as atividades.

Lourenço e Paiva (2010, p.138) salientam que “as motivações, tanto intrínseca quanto extrínseca, em excesso, acarretam danos para os alunos, sendo importante que haja um equilíbrio entre ambas”. Para isso, é necessário conseguir conciliar o desenvolvimento da motivação intrínseca no aluno com o apoio da motivação extrínseca.

Segundo Guimarães (2001), o envolvimento do aluno em uma atividade por razões intrínsecas facilita o processo de aprendizagem e seu desempenho escolar, sendo que podem ser descritos na seguinte situação:

Apresentar alta concentração, de tal modo que perde a noção do tempo; os problemas cotidianos ou outros eventos não competem com o interesse naquilo que está desenvolvendo; não existe ansiedade decorrente de pressões ou emoções negativas que possam interferir no desempenho; a repercussão do resultado do trabalho perante as outras pessoas não é o centro de preocupações, ainda que o orgulho e a satisfação provenientes do reconhecimento de seu empenho e dos resultados do trabalho estejam presentes; busca novos desafios após atingir determinados níveis de habilidade e as falhas ocorridas na execução das atividades instigam a continuar tentando. (GUIMARÃES, 2001, p.38)

Deste modo, em toda situação de aprendizagem, o professor deve e pode explorar os elementos promotores da motivação intrínseca por meio de ações educativas, como: apresentar desafios, promover a curiosidade, diversificar na explicação do conteúdo para atender diferentes alunos, planejar atividades diversificadas e compartilhar com os alunos as decisões relacionadas à realização das atividades.

Dentre as principais teorias sócio-cognitivistas, encontram-se o modelo da Teoria da Autodeterminação, a Teoria da Atribuição de Causalidade e a Teoria de Metas de Realizações.

De acordo com Guimarães (2001, p.40), os estudos realizados por De Charms (1984), Ryan, Connel e Deci (1985), Deci e Ryan (1985), “destacam a autodeterminação como sendo uma necessidade humana inata relacionada à motivação intrínseca”. Desta forma, a pessoa age por vontade própria e não por serem obrigadas por força de demandas externas.

Bzuneck e Guimarães (2010), por sua vez, apontam que os estudiosos da Teoria da Autodeterminação interpretam o envolvimento pessoal em atividades de aprendizagem como um esforço para satisfazer três necessidades psicológicas básicas e universais: necessidade de competência, necessidade de autonomia ou autodeterminação e a necessidade de pertencer ou de se sentir parte de um contexto.

Sendo assim, o aluno movido por tais necessidades busca atividades interessantes e nelas persiste desde que viabilizem o desenvolvimento de habilidades, o exercício de suas capacidades e o estabelecimento de vínculos sociais.

De acordo como Martini e Boruchovitch (2001), a Teoria da Atribuição de Causalidade de Weiner (1985), por sua vez, enfatiza que as dimensões de causalidade exercem influência sobre a motivação à realização, as expectativas de sucesso e fracasso futuros e as reações emocionais dos alunos. Além disso, considera as dimensões de causalidade e os fatores das atribuições como: inteligência/capacidade, dificuldade da tarefa, esforço e sorte, apresentando características internas ou externas (localização), controláveis ou não controláveis (controlabilidade), estáveis ou não estáveis (estabilidade). E ressalta, ainda, que uma mesma causa possa ser interpretada de maneira diferente por diversas pessoas.

Nesta perspectiva, Martini e Boruchovitch (2001, p.150) consideram que “a interpretação feita por alunos sobre as causas do sucesso ou do fracasso escolar influencia sobremaneira a motivação para aprendizagem, as expectativas de sucesso futuro, as emoções e a auto-estima dos mesmos”.

Os estudiosos da Teoria de Metas de Realização têm trazido grandes contribuições para o entendimento dos fatores motivacionais que influenciam o

comportamento do aluno, focalizando o aspecto qualitativo do envolvimento em seu processo de aprendizagem. Assim sendo, Zenorini e Santos (2010) de acordo com Ames (1992) definiu as “metas de realização” como:

Um conjunto de pensamentos, crenças, propósitos e emoções que traduzem as expectativas dos alunos em relação a determinadas tarefas que deverão executar, ou seja, as metas são representadas por modos diferentes de enfrentar as tarefas acadêmicas (ZENORINI e SANTOS, 2010, p.101).

Os estudos iniciais realizados com base nessa teoria apresentam duas metas com características distintas e que representam um propósito definido, ou razão para o aluno aplicar esforço numa determinada tarefa: a meta aprender (envolvimento na tarefa, meta de domínio) e a meta performance (envolvimento do ego).

O aluno orientado à meta aprender, segundo Zenorini e Santos (2010), tem a preocupação em adquirir novos conhecimentos, valoriza o esforço pessoal, enfrenta os desafios e costuma utiliza-se de estratégias de aprendizagem mais efetivas. Já o aluno orientado à meta performance demonstra estar mais preocupado em demonstrar inteligência, obter sucesso e sentir-se competente.

Nesse caso, conforme Azzi e Polydoro (2010, p 130) “os indivíduos tendem a se engajar em tarefas sobre as quais eles se sentem competentes e confiantes e evitam aquelas que não se sentem capazes”. Para Bzuneck (2001), os estudos evidenciam que, as crenças de eficácia que o aluno tem de poder se auto-regular, influenciam o desempenho nas aprendizagens, pois, a auto-eficácia exerce um papel de facilitação do processo de engajamento cognitivo. Sendo assim, de acordo com o mesmo autor, as crenças de autoeficácia “influenciam nas escolhas de cursos de ação, no estabelecimento de metas, na quantidade de esforço e na perseverança em busca dos objetivos. (BZUNECK, 2001, p.118).

Conforme Holt (1982, apud Bertolini e Silva, 2006, p.53) o aluno de bom rendimento escolar tem consciência dos próprios processos mentais e do próprio grau de compreensão [...]. Por outro lado, o aluno de baixo rendimento escolar geralmente não é capaz de identificar os itens sobre os quais não sabe ou não entendeu.

Para Portilho (2011), a metacognição é um dos caminhos do autoconhecimento no processo de aprendizagem, pois inclui a capacidade de planejar e regular o emprego eficaz dos próprios recursos cognitivos.

[...] metacognição implica o indivíduo ser capaz de conhecer e de auto-regular o seu próprio funcionamento cognitivo com a finalidade de solucionar problemas. Isto é, ela se refere ao conhecimento sobre os nossos próprios processos de conhecer, dentro de um planejamento, predição e monitoramento do processo de aprendizado (BERTOLINI e SILVA, 2005, p.53).

Nessa perspectiva, o aluno passa a utilizar estratégias tanto cognitivas como metacognitivas, de modo a, ser capaz de conhecer e de auto-regular o seu próprio funcionamento cognitivo com a finalidade de solucionar problemas. Este conhecimento inclui a capacidade de planejar e regular o emprego eficaz dos próprios recursos cognitivos. (PORTILHO, 2011, p.107).

O sucesso escolar de um aluno, portanto, está relacionado a diversos fatores, dentre eles, o emprego eficiente de estratégias de aprendizagem e de orientações motivacionais mais intrínsecas e autônomas. Segundo Portilho (2011, p.105) “hoje, fala-se muito que uma das metas do processo de aprendizagem e ensino é estimular o aprendiz a ser autônomo, isto é, sujeito do seu próprio aprender”.

A motivação, portanto, é um componente que requer atenção por afetar não apenas a aprendizagem, mas também o ensino, e por isso, é papel do professor ocupar-se com a motivação de seus alunos.

Para Fita (2009, p.8) “saber motivar para a aprendizagem escolar pressupõe saber como os alunos aprendem”

Na concepção de Lourenço e Paiva (2010), a motivação para aprender é um importante desafio com que os professores devem confrontar, pois tem implicações diretas na qualidade do envolvimento do aluno com o processo de ensino e aprendizagem. Bzuneck (2001, p. 13), de seu modo, assinala que “alunos desmotivados estudam muito pouco ou nada e, conseqüentemente, aprendem muito pouco”.

O papel do professor na motivação do aluno tem caráter remediador, preventivo e permanente cuja função é de implementar e de manter otimizada a motivação para aprender. Para tanto, é importante a intervenção do coordenador pedagógico, no sentido de, orientar e subsidiar a prática docente,

com base nos estudos das contribuições de teorias e pesquisas em motivação para que utilize uma variedade de técnicas e estratégias motivacionais com efeitos mais positivos sobre a aprendizagem dos alunos.

Diante do exposto, convém ressaltar que, sendo um fenômeno complexo, processual e contextual, a motivação é um dos principais fatores responsáveis pelo envolvimento do aluno no processo de aprendizagem, pois o impulsiona a estudar, a realizar as atividades escolares, a avançar e progredir nos estudos. , apesar de ser uma tarefa difícil, os professores precisam tomar consciência de que não estão de “mãos atadas”, ou seja, alguma coisa se pode fazer para que os alunos recuperem ou mantenham o interesse em aprender.

3 ANÁLISE DE INFORMAÇÕES COLETADAS

A pesquisa realizada no Colégio Estadual Presidente Afonso Camargo teve a participação de 140 (cento e quarenta) alunos, sendo 80 (oitenta) alunos matriculados no 6º ao 9º ano do ensino fundamental e 60 (sessenta) alunos na 1ª a 3ª série do ensino médio, dentre os quais 24 (vinte e quatro) meninas e 116 (cento e dezesseis) meninos, com idades entre 11 (onze) e 17 (dezessete) anos. A amostra, também envolveu 05 (cinco) professores de cada ano/série que lecionam as disciplinas de língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia e inglês. A opção por estas disciplinas deveu ao fato de apresentarem maior índice de notas baixas e reprovação.

Com o objetivo de constatar a relação existente entre motivação para aprender e sucesso escolar, foram selecionados 20 (vinte) alunos de cada série/ano do ensino fundamental e médio, divididos em dois grupos: alunos que apresentaram bom rendimento escolar e alunos com baixo aproveitamento escolar.

Para a coleta de dados, foi utilizado o questionário com questões específicas direcionadas a alunos e professores e, também, a observação direta em sala de aula, com a finalidade de analisar, relacionar e comparar as atitudes, opiniões, comportamentos e reações dos alunos e professores em situações de ensino e aprendizagem.

A aplicação do questionário composto por 11 (onze) perguntas, com 2 (duas) até 9 (nove) alternativas, foi realizada individualmente com os alunos que apresentaram bom rendimento escolar e baixo aproveitamento escolar.

O propósito em utilizar este instrumento de coleta de dados reside em investigar o tipo e orientação motivacional predominante em sala de aula, as atribuições de causalidade em relação ao sucesso e fracasso escolar e as estratégias de aprendizagem utilizadas pelos alunos.

Para esse levantamento de dados foram elaboradas as seguintes perguntas direcionadas aos alunos, que serão descritas abaixo juntamente com os resultados da pesquisa.

Na questão nº 1: - Como você costuma se comportar em sala de aula nas situações de aprendizagem? Dentre as alternativas apresentadas: inquieto (a); distraído(a); participativo(a); calmo(a) e calado(a); desinteressado(a); curioso(a); questionador(a) e indisciplinado(a), os alunos com um bom rendimento escolar, responderam que se consideram participativos e curiosos nas aulas. Mas, admitiram que ficassem distraídos em algumas aulas. Já os alunos com baixo rendimento escolar, responderam que em algumas aulas ficam inquietos e distraídos; em outras estão calmos e calados na sala de aula. O item “desinteressado(a)” foi assinalado apenas por alunos que apresentam histórico de repetência.

Quanto à questão nº 2: - E na hora das explicações do conteúdo? Em relação às alternativas: não presto atenção; converso muito; sou distraído(a); logo me desinteresso; presto atenção; faço perguntas; fico em silêncio e fico dormindo, os alunos considerados com bom aproveitamento escolar, apresentaram como respostas: presta atenção, fica em silêncio e faz perguntas. E os alunos com baixo rendimento assinalaram as alternativas: converso muito, sou distraído(a) e fico em silêncio.

Em relação à questão nº 3: - Costuma concluir as atividades iniciadas e de que forma realiza as atividades escolares? A resposta obtida dos alunos que apresentaram bom rendimento escolar indicou dentre as alternativas: sim; não e às vezes, que eles concluem as atividades iniciadas. E quanto à forma que realizam as atividades, dadas as alternativas apresentadas como: lento(a); rápido para terminar logo; rápido(a) e eficiente; acho que não sei fazer;

persistente, os alunos assinalaram os itens persistentes, rápidos e eficientes, pois quando não entendem o conteúdo pedem logo o auxílio do professor.

Os alunos com baixo aproveitamento escolar, responderam que às vezes concluem as atividades iniciadas quando eles entendem o conteúdo, caso contrário, alguns alegaram que logo desistem. E quanto à forma que realizam as atividades escolares, esses alunos escolheram as alternativas: lento(a); rápido para terminar logo e acho que não sei fazer. O item “persistente” apareceu como resposta em 13 (treze) questionários.

Na questão nº 4: - Por que você estuda? Dentre as alternativas apresentadas: não sei; detesto estudar; sou obrigado(a); gosto de estudar; para atingir meus ideais e para ter uma profissão digna, os alunos com bom rendimento escolar escolheu as alternativas “gosto de estudar” e “para ter uma profissão digna”. Já nas respostas dos alunos com baixo aproveitamento escolar apareceram os itens: não sei; para ter uma profissão digna e sou obrigado(a).

Em relação à questão nº 5: - Qual seu interesse em estudar? Com a intenção de saber o interesse, as metas e objetivos dos alunos em relação aos estudos foram apresentados como alternativas: passar de ano; tirar notas altas; aprender os conteúdos escolares; agradar os meus pais/responsáveis; conseguir um diploma. E, obteve as seguintes respostas dos alunos pesquisados, que apresentaram bom rendimento escolar: passar de ano, aprender os conteúdos e conseguir um diploma. Já os alunos com baixo desempenho responderam que estudam para passar de ano, tirar notas altas e agradar os pais/responsáveis.

Na questão nº 6: - Quais seus hábitos de estudo? A pergunta teve como alternativas: estudo diariamente; só quando sei que vai haver prova; estudo quando não entendo o conteúdo e só estudo quando estou na escola. Os alunos com bom aproveitamento escolar apresentaram como resposta: estudo quando não entendo o conteúdo. E os alunos com baixo aproveitamento responderam: estudo quando não entendo o conteúdo, só quando sei que vai haver prova e só quando estou na escola.

Quanto à questão 7: Está com dificuldades nos estudos? A resposta da maioria dos alunos com bom aproveitamento escolar foi “não”. Mas, houve aqueles que admitiram apresentarem desempenho inferior nas disciplinas que

menos gostam. Os alunos com baixo rendimento escolar admitiram que estivessem com dificuldades nos estudos.

Com o objetivo de investigar as atribuições de causalidade em relação ao sucesso e fracasso escolar, na questão nº 8 os alunos foram questionados: O que está causando essas dificuldades? Foram apresentadas como alternativas: falta de dedicação de sua parte; problemas em casa; não consigo realizar as atividades escolares; não consigo entender a(s) explicação do(s) professor(s); necessito de orientação e ajuda nas tarefas; não tenho dificuldades nos estudos.

Os alunos com bom rendimento escolar responderam que não tem dificuldades nos estudos. Como resposta a esta questão, os alunos com baixo aproveitamento escolar escolheram as alternativas: falta de dedicação de sua parte, não consigo realizar as atividades escolares e não consigo entender a(s) explicação do(s) professor(s).

Na questão nº 9: Quais estratégias utilizadas pelo professor auxiliam você na aprendizagem? Foram apresentadas as seguintes alternativas: quando o (a) professor (a) utiliza vídeos e slides nas aulas; quando o (a) professor (a) explica oralmente o conteúdo; quando o(a) professor(a) escreve e explica o conteúdo no quadro; quando o (a) professor (a) realiza atividades práticas. A maioria dos alunos pesquisados, tanto os que apresentaram bom rendimento como os de baixo rendimento escolar, responderam que a estratégia de ensino que auxiliam na aprendizagem é quando o(a) professor(a) escreve e explica o conteúdo no quadro, pois, desta forma todos prestam atenção.

A fim de saber das estratégias de aprendizagem que predominam em sala de aula, na questão nº 10 os alunos foram questionados: Como demonstra o interesse em aprender? Para responder a essa questão apresentou-se como alternativas: vejo o que o professor está fazendo; pergunto ao professor para saber o que devo fazer; gosto de experimentar e fazer junto com o professor. Ao analisar as respostas podemos perceber que os alunos com bom rendimento e baixo rendimento escolar possuem diferentes estilos e preferências quanto ao modo de aprender.

Em relação à questão nº 11: - O que mais gosta de fazer na escola? E o que menos gosta? As respostas obtidas nesta questão aberta revelam que, os alunos com bom desempenho consideram a importância da escola e dos

estudos para atingir suas metas de vida. Já os alunos com baixo rendimento escolar não vêem a escola como espaço de aprendizagem, mas de local de encontro com os amigos, seja para jogar bola ou conversar. Nas respostas, esses alunos citam que gostam de fazer as atividades das disciplinas que demonstram melhor desempenho. E o que menos gostam é de fazer as atividades das disciplinas que apresentam baixo desempenho, de tirar notas baixas, de brigas e bagunça.

Em relação ao questionário aplicado aos professores, foram elaboradas 05 (cinco) questões abertas com a finalidade de investigar qual o conceito que os docentes têm de motivação, sua influencia no processo ensino/aprendizagem e que papel atribui ao professor, a escola e a família em promover a motivação dos alunos para aprender. Essas informações foram coletadas com os professores que atuam no 6º ao 9º ano do ensino fundamental e na 1ª a 3ª série do ensino médio, que lecionam as disciplinas de língua portuguesa, matemática, ciências, história, geografia e inglês.

Para esta coleta de dados junto aos professores, foi necessário o levantamento das seguintes questões: Você considera que a motivação influencia na aprendizagem dos seus alunos? Como caracteriza o aluno com motivação para aprender? De que forma acredita que sua prática pedagógica pode favorecer o interesse dos alunos pelo conteúdo a ser ensinado? Como pensa que a escola pode contribuir para que o aluno se envolva com os estudos? Em sua opinião, que papel a família exerce sobre a efetiva participação dos seus alunos nas atividades escolares?

Em resposta a primeira pergunta, os professores pesquisados consideram que a motivação influencia a aprendizagem e desempenho dos seus alunos, pois quando eles estão motivados se engajam ativamente nas atividades e prestam atenção nas aulas, demonstrando assim, a vontade de aprender.

Em síntese às respostas das demais perguntas, os docentes acreditam que para favorecer o interesse dos alunos pelo conteúdo a ser ensinado, sua prática pedagógica deve ser contextualizada, de forma que os alunos sejam instigados a participar das aulas e realizar as atividades propostas ao perceberem a importância do conteúdo estudado.

Para tanto, apontam que para contribuir com o envolvimento dos alunos com os estudos, a escola deve se organizar como um ambiente de aprendizagem, de aquisição e valorização do conhecimento. E quanto à família, cabe o papel de incentivar nos estudos e mostrar interesse pela aprendizagem dos(as) filhos(as), através da participação e acompanhamento da sua vida escolar.

A fim de identificar os fatores que estimulam e inibem a motivação para a aprendizagem escolar, buscou-se averiguar em sala de aula, como os professores estimulam o interesse dos alunos em aprender; como os alunos se envolvem no processo de aprendizagem, o que dizem e o que fazem quando realizam as atividades escolares.

Nas observações em sala de aula foi possível constatar a prevalência da motivação extrínseca, pois tanto os alunos com bom rendimento como os alunos com baixo rendimento escolar envolviam-se nas situações de aprendizagem com interesse em tirar nota e não de aprender o conteúdo. Em decorrência disso, para motivar os alunos a prestar atenção na aula e realizar as atividades escolares, o professor prometia uma recompensa (um ponto na média) ou uma ameaça/punição (quem não fizer os deveres levará uma advertência, quem não se sair bem nas provas, ficará para recuperação ou será reprovado).

Além disso, ficou evidenciado que os alunos com baixo rendimento escolar não tinham percepção de auto-eficácia na realização das atividades devido a experiências de fracasso e, por isso, desistiam facilmente das tarefas. Sendo assim, constatamos que quando o aluno não tem expectativa de êxito na atividade, não se empenha em realizá-la.

Nas aulas dos professores e disciplinas investigadas, verificamos que os alunos ficavam desatentos e sem entusiasmo para aprender. Os alunos estavam mais interessados em concluir as tarefas do que em assegurar a compreensão do conteúdo, pois faziam as atividades rapidamente, com o objetivo de entregar logo, sem a preocupação com a aprendizagem. Por fim, percebemos que os alunos com baixo rendimento escolar se sentem desmotivados por que não conseguem ver como a aprendizagem em classe se liga com algum aspecto futuro de sua vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas teorias e pesquisas referenciadas e na análise dos resultados apresentados neste artigo, é possível considerar a motivação como uma aliada imprescindível na efetivação do processo pedagógico, pois é um dos principais fatores responsáveis pelo envolvimento do aluno no processo de aprendizagem.

Em vista disso, cabe a escola e, principalmente, ao professor o papel de proporcionar um ambiente que sustente e otimize a motivação dos alunos perante as atividades escolares, para que eles as valorizem e desejem nelas se engajar.

Nessa perspectiva, retoma-se a pergunta inicial: Como fazer o nosso aluno gostar de estudar e, conseqüentemente, progredir nos estudos?

Para responder a essa questão é preciso que, primeiro, os profissionais envolvidos no processo educacional reconheçam o papel do contexto como ativador da motivação e do interesse em aprender. E em segundo, que busquem as contribuições de teorias e pesquisas atuais na área da motivação escolar, que os auxiliem a desenvolver um ambiente de aprendizagem que possibilite o envolvimento do aluno.

O professor interessado em despertar, desenvolver ou manter em seus alunos a motivação de melhor qualidade, mais eficaz e duradoura, deve adotar estratégias de ensino que atraia a atenção dos alunos pelo conteúdo a ser estudado.

Desta forma, avalia-se que, ao promover a motivação positiva para aprender, o professor deve evitar dar ênfase nas notas, de modo a permitir que o aluno veja o ato de aprender como algo importante para sua vida. Para isso, deve propor atividades que apresentem desafios, despertem a curiosidade dos alunos, que os faça fazer perguntas e procurar respostas.

Para prevenir e remediar os problemas motivacionais em sala de aula, a escola deve ser um ambiente que motive o aluno a aprender e não somente que se ocupe de transmitir os conteúdos. Em vista disso, é importante propiciar aos alunos o conhecimento e a utilização de estratégias adequadas de aprendizagem cognitivas e metacognitivas, de uso de métodos eficazes de estudo e orientações motivacionais mais intrínsecas.

Enfim, diante do que foi exposto, enfatiza-se a relevância de se compreender e de se avaliar os aspectos motivacionais no processo de aprendizagem, pois assim, há possibilidade de elaboração de estratégias e formas para se incentivar e explorar a motivação no ambiente escolar.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZZI, R. G.; POLYDORO, S. A. J. O papel da autoeficácia e autorregulação no processo motivacional. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A.; GUIMARÃES, S.E.R. (Org.). **Motivação para aprender: aplicações com contexto educativo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BARRERA, S.D. Teorias Cognitivas da Motivação e sua relação com o desempenho escolar. **Poesis Pedagógica**, Ribeirão Preto, v.8, n.2, p.159-175, ago./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br>>. Acesso em 19 de julho de 2014.

BERTOLINI, E. A. S.; SILVA, M. A. M. Metacognição e motivação na aprendizagem: relações e implicações educacionais. **Revista Técnica IPEP**, São Paulo, v.5, n.1/2, p.51-62, jan./dez. 2005. Disponível em: <<http://fisica.uems.br>>. Acesso em 19 de julho de 2014.

BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Orgs.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2001.

CUNHA, N. B.; Boruchovitch, E. **Estratégias de aprendizagem e motivação para aprender na formação de professores**. Revista Interamericana de Psicologia, v.6, n.2, p.247-254, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>. Acesso: 19/07/2014.

FILHO, W.L.B.; ALMEIDA, L. **A motivação no processo de ensino-aprendizagem: uma análise entre o esperado e o desejado no ensino formal**. Diálogos & Ciência, ano 10, n.29, 2012. Disponível em: <<http://dialogos.ftc.br>>. Acesso em 19 de julho de 2014.

GUIMARÃES, S.E.R. Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Org.). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2001.

LEAO, A. M. C. A (des) motivação extrínseca no contexto escolar: análise de um estudo de caso. **Revista Ibero-americana**. Araraquara, v.6, n.1, p.118-136, 2011. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br>>. Acesso em 19 de julho de 2014.

LOURENÇO, A. A.; PAIVA, M. O. A. A motivação escolar e o processo de aprendizagem. **Ciências & Cognição**, Porto, v.15, n.2, 2010. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net>>. Acesso em 19 de julho de 2014.

MORAES, C. R.; VARELA, S. Motivação do aluno durante o processo de ensino - aprendizagem. **Revista Eletrônica de Educação**. Ano I, n.1, 2007.

PORTILHO, E. **Como se aprende? Estratégias, estilo e metacognição**. 2.ed. Rio de Janeiro: Wak, 2011.

SIQUEIRA, L. G. G.; WECHSLER, S. M. Motivação para a aprendizagem escolar: possibilidade de medida. **Avaliação Psicológica**, Porto Alegre, v.5, n.1 p. 21-31, jan./2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org>. Acesso em 19 de julho de 2014.

_____. Motivação para a aprendizagem escolar e estilos criativos. **ETD**, Campinas, v.10, n.esp, p.124-146, 2009. Disponível em: <<http://www.fae.unicamp.br>>. Acesso: 19/07/2014.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2009.

ZENORINI, R. P. C.; SANTOS, A. A. A. dos. Teoria de Metas de Realização. In: BORUCHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A.; GUIMARÃES, S. E. R. (Orgs.). **Motivação para aprender: aplicações com contexto educativo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.